



# ENSAIOS EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA OU LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Papers in Portuguese  
as a second or foreign language*

## O Grau Diminutivo Sob Perspectiva das Abordagens Lexicalista e Cognitivista

Deise Dulce Barreto de Lemos

Número 30

# **O GRAU DIMINUTIVO SOB PERSPECTIVA DAS ABORDAGENS LEXICALISTA E COGNITIVISTA**

Deise Dulce Barreto de Lemos

[deise.dulce@yahoo.com.br](mailto:deise.dulce@yahoo.com.br)

## **Resumo:**

O presente estudo tem como objetivo discutir o tratamento do grau diminutivo sob perspectiva do cognitivismo e do gerativismo lexicalista, conduzindo à reflexão sobre as abordagens deste tema gramatical no âmbito do ensino de Português como Segunda Língua para Estrangeiros, doravante PL2E. O escopo deste artigo é analisar as características das duas correntes linguísticas, de modo a propor uma abordagem adequada sobre o grau diminutivo, capaz de proporcionar uma aprendizagem efetiva aos aprendizes. A partir da comparação dos pressupostos do lexicalismo e do cognitivismo, conclui-se que este se alinha aos interesses do trabalho com PL2E. Este estudo tem como embasamento teórico considerações feitas por Chomsky (1970), Jackendoff (1975), Aronoff (1976) e Basílio (1980). Ao fim da discussão, encontram-se sugestões de aplicação didática para o desenvolvimento do grau diminutivo em aulas de Português Língua Estrangeira.

**Palavras-chave:** Português como Segunda Língua; Grau diminutivo; Cognitivismo; Gerativismo.

## **DIMINUTIVES FROM THE PERSPECTIVE OF LEXICALIST AND COGNITIVIST APPROACHES**

## **Abstract:**

This study aims to discuss the treatment of the diminutive from the perspective of cognitivism and generativism, leading to reflection on the approaches of this grammatical theme in the context of teaching Portuguese as a Second Language, hereinafter PSL. The scope of this article is to analyze the characteristics of these two linguistic trends, in order to propose an adequate approach to the diminutive, capable of providing effective learning for students. From the comparison of the assumptions of lexicalism and cognitivism, it is concluded that cognitivism is in line with the interests of working with PSL. This study is based on theoretical considerations made by Chomsky (1970), Jackendoff (1975), Aronoff (1976) and Basílio (1980). At the end of the discussion, suggestions for didactic application for the development of the diminutive in a PSL class are presented.

**Keywords:** Portuguese as a Second Language; Diminutive; Cognitivism; Gerativism.

## **1. Introdução**

Em novembro de 2018, uma família aproveitava o dia na Praia de Pipa – Rio Grande do Norte, quando algo surpreendeu uma criança:

- Paaaaai, um tubarão!
- Não, filha, isso é um golfinho!
- Ahhh, pai! Isso não é golfinho não! É golfão!

A menina, que ali arrancava risos dos banhistas, acabara de tentar formar uma palavra testando a presença de um afixo, cujo significado principal é disseminado pela gramática tradicional e pelo senso comum, apesar de discutível. No entendimento da criança, o sufixo “-inho” é adicionado a uma base a fim de lhe atribuir o sentido de “pequeno”. Mas como poderia um animal tão grande ter em seu nome uma partícula que lhe indicaria a ideia de miudeza? A jovem realizou então a substituição, acrescentando o sufixo que parecia mais adequado ao que ela entendera como base, formando uma palavra no grau aumentativo. As risadas dos banhistas denunciavam a não aceitabilidade, mas sua escolha é plausível e chama atenção para um assunto apresentado de forma simplificada e insuficiente tanto pela gramática normativa como pela abordagem lexicalista: o grau diminutivo.

O presente trabalho se propõe a discutir os aspectos profícuos e deficientes do tratamento do grau diminutivo a partir de duas correntes linguísticas: o gerativismo lexicalista e o cognitivismo, comparando com o que se propõe na abordagem gramatical de língua portuguesa para estrangeiros e brasileiros. Para isto, será realizado um levantamento das características mais relevantes das duas correntes linguísticas, com vistas a uma discussão sobre a derivação sufixal.

## **2. Tratamento tradicional ao grau diminutivo**

O diminutivo é um tópico sempre mencionado pelas gramáticas normativas da língua portuguesa, porém com aparente brevidade e explicações simplificadas. Apresentam-se listas de sufixos como exemplificação para a formação de palavras, citando “-inho” como a principal opção para formar uma palavra de valor diminutivo. Observa-se a seguinte lista de sufixos diminutivos empregados na língua portuguesa em Cunha & Cintra (2001, p. 90 – 91):

“-inho, -a / -zinho, -a / -ino, -a / -im / -acho, -a / -icho,  
-a / -ucho, -a / -ebre / -eco, -a / -ico, -a / -ela / -elho, -a / -ejo /  
-ilho, -a / -ete / -eto, -a / -ito, -a / -zito, -a / -ote, -a / -isco, -a / -usco, -a / -ola”

Ao apresentar a lista, os autores mencionam a dificuldade para justificar a opção pelo sufixo “-zinho” para formar um diminutivo. Mais à frente, há informações detalhadas sobre a origem dos sufixos e outra lista contendo diminutivos eruditos.

A gramática intitulada *Português linguagens*, de Cereja e Cochar (2015) foi selecionada como material didático a ser utilizado pelo sexto ano no ensino fundamental nas escolas da rede estadual do Rio de Janeiro, nos anos de 2017 a 2019. Ao apresentar o grau dos substantivos e adjetivos, os autores abordam o uso do diminutivo como uma forma de indicar diminuição, através da adição dos sufixos “-inho” ou “-zinho”, dispondo também uma lista reduzida de sufixos formadores de aumentativos e diminutivo, descritos como pertencentes à norma padrão (Cereja e Cochar, 2015, p. 149): “-aço, -ázio, -isco, -ico: balaço, copázio, chuvisco, veranico”. Não há explicações sobre os critérios para optar por um dos sufixos ao formar uma palavra em grau diminutivo, no entanto uma nota adicional esclarece que o diminutivo pode ser usado para indicar “carinho, ternura, prazer, desejo e também uma ideia negativa de troça, desprezo, ofensa”, acrescentando o exemplo “Que menininha intrometida!”. Nesta explicação, enfatiza-se a importância do contexto para verificar o sentido do substantivo. Os exercícios que seguem tratam das palavras formadas com sufixos não comumente utilizados, porém pertencentes à norma padrão, e identificam (ou não) o sentido de afetividade.

### 3. Formação de palavras no âmbito da Linguística

Em 1957, o linguista William Chomsky publicou *Estruturas sintáticas* - obra que se oporia ao modelo disseminado pelo Behaviorismo e daria luz a uma nova perspectiva sobre a linguagem humana. Enquanto os behavioristas caracterizavam a linguagem humana como um condicionamento social, segundo o qual o organismo de um indivíduo apenas responderia a estímulos recebidos em uma interação, reproduzindo um comportamento linguístico previsível, Chomsky propôs que o ser humano agia criativamente, por possuir um dispositivo inato, responsável pela constituição da competência linguística do ser humano. A Linguística Gerativa foi formulada então como

uma oposição à teoria comportamentalista, propondo-se, ao longo dos anos, a realizar uma descrição abstrata da linguagem humana, explicando o seu funcionamento.

Observemos o tratamento dado à morfologia derivacional sob perspectiva de uma abordagem gerativa. Segundo Basílio (1980, p. 7), é possível definir a morfologia derivacional como “parte da gramática que dá conta da competência do falante nativo no léxico de sua língua”. A autora afirma que, anteriormente ao desenvolvimento da gramática gerativa transformacional, os estudos morfológicos não se propunham a colocar diferentes níveis tradicionais da gramática em interação de forma direta, limitando-se a listar elementos morfológicos e suas possíveis combinações, excluindo a criatividade característica da linguagem.

Com a publicação do artigo *Remarks on Nominalization*, em 1970, Chomsky introduziu a Hipótese Lexicalista na teoria gerativa, estabelecendo uma discussão sobre a morfologia derivacional. Nesta visão, o léxico é considerado um conhecimento, projeção contrária à proposta tradicional, em cuja perspectiva o léxico era somente vocabulário. Inicialmente, não se observou uma grande atenção aos fenômenos morfológicos na proposta gerativa, o objeto central desta teoria se voltava aos processos sintáticos. Esta nova teoria impulsionou o desenvolvimento de pesquisas acerca da estrutura do léxico, buscando construir uma representação para a competência de um falante no léxico de sua própria língua.

Entende-se por competência o conhecimento que um falante nativo possui sobre sua própria língua, sendo este um conceito central para o gerativismo. Quanto ao conhecimento da língua, a teoria gerativa transformacional propõe se tratar da “capacidade que o falante tem de atribuir descrições estruturais a sentenças. Estas constituem um conjunto infinito, cujos membros são definidos pelas regras da gramática gerativa” (Basílio, 1980, p. 8). De acordo com a linguista, um modelo qualquer da competência lexical relativa a um falante nativo deveria contemplar uma listagem de itens lexicais, acompanhada de um sistema de regras voltadas a relacionar tais itens entre si, analisar sua estrutura interna, além de formar palavras novas.

Propostas alternativas quanto à nominalização ganharam espaço nos desdobramentos científicos da Hipótese Lexicalista. Jackendoff (1975) apresentou a Teoria da Entrada Plena, segundo a qual há uma separação entre as entradas lexicais, as quais, por outro lado, estão conectadas por relações lexicais. Aronoff (1976) se

concentrou na produtividade do léxico, onde se observará a noção de bloqueio. De acordo com sua perspectiva, formam-se novas palavras partindo de outras que já existem, fenômeno conhecido como Morfologia baseada em palavras. Di Sciullo & Williams (1987) criticam as teorias lexicalistas que antecedem a sua, posicionando-se de forma contrária ao pensamento de que o léxico possui uma estrutura. Segundo os autores, o léxico é um lugar de objetos semigramaticais e irregularidades.

Aronoff (1976) identifica o objeto de estudo da morfologia como o conjunto de signos os quais são constituídos por signos mais elementares, formando unidades sintáticas. Sua teoria se propõe a descrever a formação, além de realizar uma análise do conjunto de palavras derivadas complexas. O modelo proposto pressupõe existir uma lista de palavras, de regras para especificar a formação das palavras e regras correspondentes a reajustamento. Nesta concepção, os afixos são elementos os quais fazem parte das regras relativas à formação de palavras, especificando tanto sua posição em relação à base como sua forma fonológica.

Aronoff (1976) propõe a Hipótese de Base-Palavra, cujas regras delimitam o conjunto de unidades lexicais contemplado pelas regras de formação de palavras. Entende ainda que cada regra deve selecionar a base correspondente a apenas uma categoria, o que chama de Hipótese-Única. Nessa concepção, uma regra não seria capaz de selecionar substantivos, verbos e adjetivos. Todavia, caso ocorra, o autor considera como um caso de regras distintas, pouco produtivas ou ainda de ocorrência pouco coerente.

Considerando a proposta de produtividade lexical, Aronoff (1976) entende que o falante é capaz de produzir novos itens lexicais a todo momento, de acordo com sua competência lexical. Nesta concepção, seria necessário observar a produtividade de uma Regra de Formação de Palavras, levando em conta que uma regra pode ter sua produtividade variável com diferentes bases.

Quanto à semântica, Aronoff (1976) não considera uma teoria específica, mas entende que a regra de formação de palavras atribui significado ao derivado. Ressalta ainda que apenas a categoria sintática das palavras derivadas não pode ser afetada pelas condições morfológicas projetadas sobre a base, determinantes para a produtividade de sua regra. Dessa forma, a perspectiva de Aronoff (1976) apresenta uma descrição estrutural, acrescida de uma modificação estrutural pela aplicabilidade da regra de formação.

Verifiquemos as concepções supracitadas quanto a sua aplicação para a formação do grau diminutivo da língua portuguesa. Na língua inglesa, o diminutivo não se forma a partir de um processo de derivação. A aplicabilidade da visão lexicalista para o diminutivo em língua portuguesa se faz complexo. Os sufixos mais produtivos para a formação de diminutivo (-inho / -zinho) não atribuem significado único, o que compromete a perspectiva de produtividade desta corrente linguística. O objetivismo clássico do lexicalismo vai de encontro às possibilidades conceptuais e estruturais do grau diminutivo em língua portuguesa, haja vista a exclusão semântica na perspectiva lexicalista, enquanto os significados atribuídos pelo sufixo, em português, a sua base, são diversos, ou seja, são afixos com possibilidades de conter polissemia. Na língua em questão, a especificação da produtividade não poderia se limitar ao aspecto morfológico.

Basílio (1980) frisa que o falante de uma língua específica é capaz de formar novas palavras em sua língua, analisar as estruturas das palavras que já existem na língua, além de estabelecer uma série de relações entre elas. Por outro lado, lembra que o léxico também é considerado uma lista composta por entradas lexicais. Dessa forma, a autora afirma que o léxico não poderia ser tratado como uma simples lista de entradas lexicais, o que compreenderia a competência lexical como o conhecimento de tal lista, nem mesmo um conjunto que abarque regras.

As propostas desenvolvidas após a concepção tradicional mostram que o léxico passou a ser entendido como um objeto de estudo autêntico, trazendo um enfoque dos estudos linguísticos para as propriedades sintáticas e semânticas das palavras, além das relações entre tais propriedades. Assim, tornou-se necessário investigar a estrutura das entradas do léxico, além das informações inclusas nas próprias entradas, assim como compreender os possíveis princípios concernentes à organização do léxico e apresentar formalismos expressivos capazes de representar estas propostas.

#### **4. Concepções cognitivistas**

A Linguística Cognitiva consiste em uma abordagem em cuja visão a língua é compreendida como meio de conhecimento, de forma conectada com a experiência dos humanos e o mundo. Nesta concepção, estudam-se tanto as unidades como as estruturas da língua enquanto “manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da

experiência cultural, social e individual.”, segundo Silva<sup>1</sup>. De acordo com o autor, a área possui especial interesse pelas características estruturais da categorização linguística, a exemplo de polissemia, prototipicidade, metáfora, imagens mentais e modelos cognitivos, além de princípios funcionais como iconicidade e naturalidade, passando pela interface de conceitos entre semântica e sintaxe, além da base pragmática ligada às experiências no uso da língua, relativismo e a conexão entre linguagem e pensamento.

Segundo Basílio (2010, p. 5), as discussões de maior interesse para a perspectiva sobre as construções lexicais consistem em observar a “relevância do significado, a condição de unidade linguística estabelecida pela condição do uso e a não dicotomização categorial”. De acordo com a autora, pensamentos se refletem na língua, partindo do pressuposto de que a linguagem não é constituída como um sistema autônomo, enquanto os sistemas linguísticos se referem a processos cognitivos. O léxico, a morfologia e a sintaxe formariam, então, um contínuo de unidades simbólicas, enquanto as estruturas gramaticais deveriam ser entendidas como estruturas simbólicas. A autora frisa ainda que itens lexicais atraem sentidos relacionados entre si, ativando uma teia de relações.

Segundo Basílio (2010), a Linguística Cognitiva se coloca em posição distinta do objetivismo clássico discutido pela abordagem gerativa, propondo o realismo experiencial para contemplar a relação entre língua e realidade. Nesta concepção, a mente humana não poderia ser investigada excluindo o fato de que faz parte de um ser corporal. O significado segue do âmbito mais concreto para o mais abstrato, esclarecendo o fato de conceitos mais abstratos se estruturarem a partir de um contato com objetos físicos. Quanto ao significado, lembra que a metáfora e a metonímia são contempladas e compreendidas como fenômenos não apenas linguísticos, mas também conceptuais.

Segundo Basílio (2010), o conhecimento de um falante quanto às convenções linguísticas é representado pela gramática da sua língua. O uso de tais convenções é realizado de forma automática. A Linguística Cognitiva trata do léxico sem grandes dificuldades, pois o entendimento de gramática e de unidades simbólicas abarca o léxico enquanto um conjunto de unidades simbólicas, seguindo um caráter convencional. Por

---

1

Disponível

em:

<<http://www.inf.unioeste.br/~jorge/MESTRADOS/LETRAS%20-%20MECANISMOS%20DO%20FUNCIONAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20-%20PROCESSAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20NATURAL/ARTIGOS%20INTERESSANTES/Lingu%EDstica%20Cognitiva.pdf>>. Acesso em 05 de Nov de 2018.



outro lado, a abordagem gerativa marginaliza o léxico, devido à percepção algorítmica de linguagem.

## 5. O diminutivo à luz do lexicalismo e do cognitivismo

Um aspecto bastante claro no tratamento do grau diminutivo em língua portuguesa, com fins de comparação entre as abordagens linguísticas lexicalistas e cognitivistas, concerne ao significado. Basílio (2010) enfatiza a tensão na perspectiva gerativa, uma vez que a necessidade de observar a formação de palavras contemplando a semântica, avaliando além dos interesses sintáticos, vem se acentuando. A noção de produtividade, por exemplo, não é suficiente para avaliar a presença de um sufixo que atribui o grau diminutivo em língua portuguesa. Ao ganhar uma bolada na loteria, o novo milionário poderia facilmente dizer que ganhou um “dinheirinho”. Neste caso, a formação do grau diminutivo não corresponderia a algo pequeno. Da mesma forma, Quando a mãe pede para a criança comer a “saladinha”, não há nesta fala uma condição de tamanho, mas sim um tom carinhoso para tentar o convencimento. A semântica cognitivista é essencial para fazer a leitura em uma avaliação mais pragmática, extrapolando a limitação ao tamanho que costuma ser atribuída ao sufixo diminutivo.

A *folhinha* não é uma folha pequena, a *camisinha* pode não ser uma camisa pequena e o *golfinho* não possui “-inho” por ser pequeno, conforme entendimento da criança que somente aplicou a regra gramatical clássica. A dupla possibilidade de interpretação da palavra *camisinha*, entendida como preservativo ou camisa pequena, denota o caráter polissêmico da palavra, afastando novamente o objetivismo gerativista. O caráter metafórico da formação em grau diminutivo também é excluído da perspectiva lexicalista, abarcado pela cognitivista. Quando alguém diz que vai dar uma *corridinha* ou uma *olhadinha*, o sentido metafórico do diminutivo leva ao entendimento de “rápida duração”. Uma *chuvinha* traz no sufixo o sentido de intensidade, enquanto *horinhas* denota quantidade baixa. Um *toquezinho* possui sentido explicativo, uma *mulherzinha* contém sentido depreciativo. As motivações experienciais são reveladas nas diferentes conotações e valores atribuídos pelo diminutivo, reforçando o caráter conceptual da cultura em que se usa a língua em questão, além de contiguidade em seus entendimentos, o caráter metonímico.

O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar

o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, na sua forma original, são ameaçadoras demais. (VERÍSSIMO, 1994.)

Enquanto as gramáticas normativas e os livros didáticos de português para brasileiros introduzem o grau diminutivo por meio de listas de sufixos, com seus sentidos informados de forma limitada, priorizando a indicação de tamanho como valor principal do afixo, os livros de Português como Segunda Língua para Estrangeiros se alinham mais à pragmática. Esta perspectiva se aproxima da abordagem cognitiva, haja vista a importância de orientar o estudante estrangeiro quanto às possibilidades da língua em uso.

Assim como a visão cognitiva, as explanações da área de PL2E não deixam de lado a sintaxe, porém privilegiando o aspecto semântico, com a inclusão do conhecimento de mundo. Na concepção cognitiva, olhar para a língua em uso é fundamental. Nesta perspectiva, a formação do diminutivo é apresentada seguindo o padrão clássico encontrado também na gramática normativa, porém com foco no caráter polissêmico ali presente.

Para exemplificar tal discussão, é possível observar o tratamento dado ao assunto pelo manual didático Falar... Ler... Escrever... Português (LIMA, 2017), que é bastante reconhecido no trabalho com PL2E. As autoras introduzem a temática mencionando que o diminutivo é bastante utilizado no português do Brasil, com vistas a indicar objeto pequeno, carinho, ênfase, desprezo ou “como forma típica da língua, sem função definida”, a exemplo da palavra “tempinho”. (LIMA, 2017, p. 128). Esta última descrição não parece clara o suficiente, o que denota a complexidade do tema e das possibilidades para a formação do grau diminutivo. Os exercícios que seguem buscam a compreensão dos sentidos das palavras em grau diminutivo a serem reconhecidas em cada contexto. Caso um professor ou pesquisador se atenha ao pensamento lexicalista para explicar o processo de formação derivacional na língua portuguesa, terá dificuldades para explicar ocorrências como "pai - paizinho - painho<sup>2</sup>" ou "mãe - mãezinha - mãinha<sup>3</sup>", palavras cujo

---

<sup>2</sup> Termo reconhecido pelo Priberam Dicionário, disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/painho>>. Acesso em 10 de Nov de 2018.

<sup>3</sup> Termo reconhecido pelo Dicionário Online de Português, disponível em: <<https://duvidas.dicio.com.br/mainha-ou-mainha/>>. Acesso em 10 de Nov de 2018.

processo de derivação sufixal difere da regra de formação prevista para palavras terminadas em sílaba tônica, duas vogais ou som nasal, que são as explicações para utilizar o afixo “-zinho/a” mais disseminadas, apesar de insuficientes. Não é relevante para o cognitivismo saber a produtividade, o importante é indicar a existência.

## **6. Considerações finais**

As contribuições do modelo gerativo lexicalista foram essenciais para a expansão do tratamento à língua e ao surgimento de uma série de estudos a partir do novo tratamento ao léxico a ser desvendado. Todavia, observam-se inconsistências na tentativa de se prever regras e conceitos pouco flexíveis. A comunicação em língua portuguesa depende de um elevado nível de subjetividade e não objetividade, de modo que tentar limitar sua compreensão ao proposto pelo gerativismo lexicalista seria ignorar suas especificidades e as próprias diferenças em relação às primeiras línguas a serem pesquisadas.

Dessa forma, conclui-se que a visão flexível e ampla do cognitivismo é mais capaz de lidar com as inconstâncias da língua portuguesa, porém sem entender essa questão como se fosse um problema. A formação de palavras em processo derivacional no grau diminutivo já atraiu atenção de alguns pesquisadores, mas sua complexidade deixa um campo de pesquisas aberto para novos estudos e reflexões sobre abordagens atuais, que podem ser ultrapassadas, e novas perspectivas necessárias no âmbito da busca pela compreensão de uma mensagem, transpondo a observação de suas estruturas. Para isto, compreender o contexto e os seus sentidos se faz essencial.

O ensino-aprendizagem de PL2E se faz mais efetivo com o apoio da pragmática, tendo como objetivo a ampliação dos conhecimentos linguísticos do aprendiz estrangeiro através da contextualização. A abordagem do grau diminutivo em aulas de PL2E deve seguir o mesmo critério, propiciando ao estudante a oportunidade de experimentar as possibilidades semânticas conferidas ao vocábulo que recebe os diferentes sufixos disponíveis da língua portuguesa, inclusive aqueles que fazem parte da interação como variante linguística, mas ainda não foram contemplados pelas gramáticas ou pelos próprios materiais didáticos. Dessa forma, reitero que olhar para a língua em uso é fundamental, uma valorosa contribuição do cognitivismo para essa área de ensino.

## 7. Proposta didática:

A seguir, sugiro atividades voltadas para o ensino do Grau diminutivo em aulas de PL2E, considerando uma classe composta por jovens ou adultos, em nível básico ou intermediário de proficiência em língua portuguesa.

### INTRODUÇÃO AO DIMINUTIVO

#### 1. Observe a tirinha<sup>4</sup>:



- ♦ O homem deveria ter falado “casquinha”, “joaninha” e “golfinho”. Por que você acha que ele evita falar essas palavras? Comente sua resposta.

#### 2. Desenvolvendo o debate:

Os brasileiros adoram falar palavras no diminutivo, que podem ser usadas com diferentes sentidos, tais como tamanho pequeno, carinho, ênfase, desprezo, intensidade, sutileza, brevidade ou ironia. Que sentidos você acha que o diminutivo pode ter nos memes a seguir?



<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.willtirando.com.br/macho-nao-usa-diminutivo/>>. Acesso em 14 de set de 2020.



### 3. Lembrando:

#### Quando usamos o diminutivo?

- ⇒ A mãe que tenta convencer a criança a comer oferece-lhe um bifezinho, uma sopinha.
- ⇒ A comida caseira também é lembrada com carinho: uma farofinha, um feijãozinho.
- ⇒ Traduz simpatia: pobrezinho, doentinho.
- ⇒ Há sufixos de diminutivo cuja força depreciativa é flagrante. Um "jornaleco" jamais será um grande jornal.
- ⇒ Portão e cartão já não remetem a grau aumentativo; camisinha não é uma camisa pequena; folhinha é sinônimo de calendário; caninha é aguardente de cana.
- ⇒ Que tal uma pausa para um "cafezinho"?

Fonte: <http://vestibular.uol.com.br/ultnot/resumos/ult2772u39.jht>

### 4. Exercícios:

1. Passe para o diminutivo as palavras entre parênteses e diga que sentidos elas têm:

- a. Você quer um \_\_\_\_\_ (copo) de guaraná?
- b. \_\_\_\_\_ (Mãe), vou comer mais um \_\_\_\_\_ (pouco) de bolo!
- c. Meu filho já é um \_\_\_\_\_ (homem), ele já vai ao banheiro sozinho!
- d. Quem é essa \_\_\_\_\_ (mulher) que está te ligando?

2. Escute a música e faça o que se pede:

### **Tudo ão**

Companhia do Calypso

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=1lyEXFgYqw8>

Tem gente que é demais  
Que não quer nem saber  
Usa diminutivo pra humilhar você  
Essa de Amorzinho  
Pra mim não cola não  
Prefiro aumentativo  
Me chame de amorção

Tem gente que é demais  
Que não quer nem saber  
Usa diminutivo, pra humilhar você  
Essa de Amorzinho  
Pra mim não cola não  
Prefiro aumentativo  
Me chame de amorção

Se você tá na praia e olha pro lado e vê aquela mulher capa de revista, e aí?

É Mulherzinha ou Mulherão?

Se você tá na balada e olha pro lado e vê aquele cara todo malhado, e aí?

É saradinho ou Saradão?

Ão ão ão

Ão ão ão

Ão ão ão

É só mandar pra mim um cervejão

Ão ão ão

Ão ão ão

Ão ão ão

Que eu tô na maior azaração

Ão ão ão

Ão ão ão

Ão ão ão

Dj toca essa aí no paredão

Ão ão ão

Ão ão ão

Ão ão ão

A Companhia tá na boca do povão

→ Retire da música palavras nos graus aumentativo e diminutivo. Que sentidos elas têm?

3. Leia as frases a seguir com a entonação que considerar adequada. Seu colega deverá adivinhar o sentido da palavra no diminutivo, interpretando a sua entonação.

- a. Comprei esse carrinho, o que você acha?
- b. Sou muito feliz por ter um chefinho como você!
- c. Que filminho é esse?
- d. Só um minutinho!
- e. Você vai ler esse jornaleco?
- f. Ele vai beber uma caipirinha.
- g. Você vai tomar essa casquinha pequenininha sozinho?

4. Simule discussões com seu colega. Você deverá reclamar de algo; abuse do uso de diminutivos. Esses serão os seus papéis no diálogo:

- a. Empregado e chefe
- b. Mãe e filho
- c. Namorados

5. Jogo do Grau - Aprenda as formas do aumentativo e diminutivo das palavras:

<https://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?id=4220>

### **Referências:**

ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: The MIT Press, 1976.

BASILIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. *Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares*. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 6, número 2, 2010.

CEREJA, William Roberto. *Português: linguagens - 6º ano* / William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. 9ª ed. reform. – São Paulo: Saraiva, 2015.

CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R. and ROSENBAUM, P. (org.). *Readings in English transformational grammar*, 184-221. Waltham, MA: Blaisdell, 1970.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

JACKENDOFF, Ray. *Morphological and semantic regularities in the lexicon*. *Language*, vol. 51, n° 3, p. 639-671, 1975.

LIMA, Emma Eberlein; IUNES, Samira. *Falar... Ler... Escrever... português*. Um curso para estrangeiros. 2ª ed. São Paulo: EPU, 2004.

SILVA, Augusto Soares. *A Linguística Cognitiva: Uma Breve Introdução a um novo paradigma em linguística*. Disponível em:  
<http://www.inf.unioeste.br/~jorge/MESTRADOS/LETRAS%20-%20MECANISMOS%20DO%20FUNCIONAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20-%20PROCESSAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20NATURAL/ARTIGOS%20INTERESSANTES/Lingu%EDstica%20Cognitiva.pdf> . Acesso em 05 de Nov de 2018.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Diminutivos. In: *Comédia da vida privada*. 101 crônicas escolhidas. Porto Alegre: LP&M, 1994.